

*Herbert Read: Nem Liberalismo, Nem
Comunismo. Discutindo Arte e Democracia do
Ponto de Vista Anarquista*

Silvia Pireddu



**Traduzido e Produzido por:
Biblioteca Emma Goldman**

**SALVADOR – BA
Novembro - 2020**

Sobre Herbert Read (Wikipedia)

Sir Herbert Edward Read (Kirkbymoorside, North Yorkshire, 4 de dezembro de 1893 — Malton, North Yorkshire, 12 de junho de 1968) foi um poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânico. Foi nomeado cavaleiro em 1953. Obteve o Prêmio Erasmo em 1966.

Foi criado numa fazenda e serviu como oficial na Primeira Guerra Mundial. A infância e a guerra foram temas freqüentes nas poesias que publicou, a partir da sua estréia com *Guerreiros nus*, em 1919.

Após a guerra, trabalhou na curadoria do Victoria and Albert Museum, em Londres. Em 1931 e 1932 lecionou na Universidade de Edimburgo. De 1933 a 1939, foi editor da revista *Burlington Magazine*. Crítico dos mais conceituados entre as décadas de 1930 e 1950, e expoente do movimento de educação pela arte, Herbert Read impôs-se por seu espírito democrático e humanístico, tanto no campo da estética quanto em pedagogia, sociologia e filosofia política. Escreveu mais de mil obras sobre diferentes áreas do pensamento. Entre seus ensaios, destacam-se *O significado da arte* (1931), *A forma na poesia moderna* (1932) e *Educação pela arte* (1943).

Sobre Silvia Pireddu

Tem mestrado em Línguas e Literaturas Modernas Estrangeiras da Università degli Studi di Pavia (Itália), especializada em História da Língua Inglesa. Tem um doutoramento em Inglês e Culturas Americanas pela Universidade IULM, Milão e trabalhou com bolsas de pós-doutoramento na Università degli Studi di Pavia em questões relacionadas com a cultura, tradução, e a história das ideias. De 2005 a 2017 lecionou em seminários e cursos sobre inglês na IULM e na Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão. Actualmente é professora associada de Língua e Linguística Inglesa na Università di Torino. Os seus interesses de investigação incluem a linguística diacrónica, tradução e estilística, com particular referência à intersecção dos princípios teóricos e quadros práticos dos textos literários, arte, meios de comunicação e cultura.

Fonte: <https://doi.org/10.4000/ebc.7545>

Resumo:

O artigo examina as obras de Herbert Read (1893-1968) para discutir a sua visão anarquista da arte e da sociedade e a sua relação com a democracia. Como poeta, ensaísta e crítico de arte, introduziu o Surrealismo e o Existencialismo ao público britânico. A psicanálise freudiana também inspirou a sua visão do anarquismo, da estética e da educação. Nesta perspectiva, ele via as artes como um instrumento de reforma da sociedade, e o anarquismo como uma reafirmação da liberdade natural, ou seja, uma comunhão direta com a verdade universal. Na visão de Read, a melhoria das condições materiais, a prosperidade econômica e a emancipação política desenvolveram-se a partir da capacidade dos indivíduos de serem e expressarem a sua criatividade natural. A sua posição é contraditória, uma vez que a essência do anarquismo de Herbert Read está enraizada no ruralismo britânico, mas, ao mesmo tempo, é apresentada como o sistema de gestão mais progressista e fiável para os seres humanos. O anarquismo de Herbert Read ofereceu uma visão diferente da sociedade onde o indivíduo poderia existir para além de qualquer representação ideal de demos.

No livro *Aesthetic Democracy*, Thomas Docherty analisou como a democracia é fundada e condicionada pela estética: "é na arte e na estética que encontramos um local privilegiado da própria potencialidade do eu que estabelece a condição democrática" (2006, xiv-xviii). Mais adiante no texto, Docherty assinalou a confusão substancial que fazemos entre democracia e consumismo. Por outras palavras, destacou a ligação do Eu, da Arte e da Democracia como conceitos, sugerindo que a democracia é mais do que um sistema político, e deve ser discutida para além do seu valor econômico e social (ix).

As duas Guerras Mundiais do século XX estruturaram a democracia na Europa Ocidental tanto em termos políticos como econômicos. As Forças Aliadas estabeleceram a

democracia como liberalismo econômico, que foi aceito como gerador de paz desde que a prosperidade econômica se tornou uma experiência real para os países que adotaram o sistema, e os benefícios da nova ordem (Killick 2014). O crescimento econômico reforçou a crença de que o capitalismo democrático poderia ser a escolha certa para fomentar a paz (Schweickart 2018). No entanto, a fraqueza de tal pressuposto é atualmente objeto de debate: durante a última década, enfrentamos uma das piores crises econômicas dos tempos modernos ao ponto de questionar a própria equação "liberalismo-capitalismo-democracia". O acesso em massa à informação na Internet evidenciou as falhas da civilização ocidental, apelando à necessidade de uma abordagem diferente da economia e da sociedade à escala global. Não surpreende que tenha havido um novo interesse no anarquismo como forma de liberdade digital, enquanto que a tendência para questionar o capitalismo tem problematizado a forma como a arte é produzida e comunicada também (Franks e Kinna, 2014; Van Dijk e Haker 2018; Literat 2018; Rutten 2018).¹

Nesta perspectiva, este artigo discute a democracia na sua relação com o anarquismo e a arte, avaliando as ideias de Herbert Read, cujo trabalho encerra uma resposta cultural e política original ao advento da modernidade do pós-guerra. Herbert Read abraçou o anarquismo, mas ao mesmo tempo, situou-se do lado de uma visão conservadora e nostálgica da sociedade que está enraizada na sua biografia, na sua personalidade de poeta e crítico.

¹ A temática da arte pós-internet é um caso paradigmático.
<https://www.zerodeux.fr/essais/de-lart-post-internet/>;
https://monoskop.org/Post-internet_art#Primary_references last access 27/12/2018.

Embora a sua visão da sociedade possa parecer contraditória, deve ser recordado que o próprio anarquismo é notório pela sua diversidade. As suas variedades aceitam desde o egoísmo de Max Stirner, passando pelo mutualismo de Proudhon, ambos aceitando a propriedade privada, até ao coletivismo de Bakunin, o comunismo de Kropotkin, o sindicalismo revolucionário dos movimentos sindicalistas, até à violência intencional dos anarquistas italianos do final do século XIX e início do século XX. Com os anarquistas clássicos, Herbert Read partilhou a ideia de que a anarquia surge de baixo para cima como uma federação de indivíduos autônomos, mas não é necessária qualquer revolução ou insurreição para libertar a sociedade, mas sim uma mudança constante que é não-violenta, difundida, e baseada na capacidade de cada um expressar os seus talentos e capacidades únicas (Goodway 1998, 177-195).

O anarquismo modernista da Herbert Read pretendia procurar uma comunhão direta com a verdade universal, que é a regra de um Deus, a lei que governa a Natureza, espontaneamente. Enquanto tentam aderir à Natureza, os humanos procuram a beleza entregando-se às suas faculdades imaginativas (1940, 30-31). Herbert Read confiou na Arte como uma força que poderia melhorar a humanidade: através da arte "a vontade do homem parece ser identificada com as forças universais da vida" (1963, 176-177).

Como sugerido por Docherty, podemos assumir que a democracia é um valor e uma condição acima de qualquer organização econômica da sociedade, e podemos separar a democracia do capitalismo para vê-la funcionar como uma força na ética e na estética. Na mesma perspectiva, podemos enquadrar a liberdade dentro da democracia, e vê-la como uma força dinâmica que permite aos artistas trabalharem, e afetar a sociedade (Pickett 2005 102-120; Castronovo 2009;

Schwartz 2013, 45-110; Mattern 2016, 17-38; Mattern 2019, 589-602; Evans 2018, 109-152).

Como Shiner salienta, a Idade Moderna viu o estabelecimento do mercado de arte como a libertação do mecenato, um sistema que obrigou os artistas a celebrar o poder. No século XX, porém, os artistas encontravam-se em conflito com o poder, encarnado pelo próprio mercado (Shiner 2001, 126-129, 169-186; Möller 2019; Meecham e Sheldon 2013). Atualmente, a arte finge ser revolucionária e perturbadora, mas faz isso no espaço seguro do debate democrático. Por outras palavras, a arte é mantida dentro de uma condição anódina pelo dinheiro (mercantilização da arte) enquanto a narrativa da arte (por vezes a comercialização da arte) constrói a sua aceitabilidade, o seu reconhecimento e o seu valor (Alexander 2018).²

Sem democracia, porém, a liberdade que os artistas procuram não poderia existir: mesmo que a democracia seja oposta e criticada, ela permite um conflito construtivo que molda o eu do artista e também a sua obra de arte.³ Em outras palavras, a democracia "aceita" ser desafiada, desacreditada e recusada pelos artistas, uma vez que esta é a essência da democracia (Evans 2018).

²A arte contemporânea conceitualiza o domínio da personalidade do artista e, ao mesmo tempo, a acessibilidade da arte e a sua democratização é uma questão crucial tanto para os curadores como para as instituições e aborda melhor a ideia de uma arte democrática (Bell 2017).

³ Artistas famosos como Abramovic, Cattelan, e Orlan, por exemplo, centraram a sua arte no eu. Eles defendem a centralidade da sua personalidade, realizando os seus gestos extremos e criando narrações à sua volta e sobre eles (Jones 2013). De uma forma mais geral, as suas performances realizaram a liberdade como ironia e sátira. Brincando com o mercado, geram narrativas estéticas que realçam os seus gestos perturbadores, apelando à autodeterminação.

No entanto, a dialética entre arte e democracia não está enraizada nas visões distópicas da arte e do estado do século XXI: está enraizada nas grandes esperanças do modernismo (Potter 2006). Os modernistas transpuseram o papel celebrativo da arte para o novo século, trabalhando os mecanismos da arte como uma linguagem que exprime o eu. Num período de transição entre o passado, perturbado pelas duas guerras, e a esperança de criar uma nova sociedade de iguais, o Modernismo foi um ponto de virada (Sandler 2018).

Nesta perspectiva, Herbert Read é uma voz fascinante: ele acreditava na centralidade da liberdade e confiava na sua função de melhorar a estética. No entanto, a arte livre só poderia evoluir para uma organização anarquista da sociedade onde se pudesse desenvolver plenamente o eu, independentemente da sua classe social (Harder 1971; Goodway 1998). Herbert Read identificou questões ainda relevantes na estética contemporânea, tais como o papel dos indivíduos como criadores de significado, e os limites da democracia como espaço de poiesis, juntamente com a centralidade da escrita para a arte (Thistlewood 1984; Agamben 1999, 68-93).

Ao longo da sua carreira, Herbert Read foi um prolífico ensaísta, um poeta tanto como um crítico de arte. Para Read, a escrita foi um ato fundamental de criação, um ato de responsabilidade em si, a realização manifesta do seu papel como intelectual, e tem de ser considerada como a principal realização da sua consciência estética. A forma e a estrutura dos seus ensaios encarnava os padrões lineares dos seus pensamentos. O estilo apoiava as suas opiniões políticas, apresentando um forte esboço teórico. Ou seja, a sua escrita parece razoável e coerente e, portanto, convincente. Ao trabalhar numa perspectiva muito pessoal, envolve o leitor numa exposição sensata e clara do tema que é abordado no

ensaio. Os conceitos abstratos são tratados com simplicidade - Herbert Read está mais interessado em universos do que em informação factual. Os seus ensaios visam discutir a sua filosofia da arte e da política, em vez de fazer críticas per si. As suas opiniões são levadas ao leitor com um estilo essencial e mínimo que visualiza os conceitos descritos.

Em *English Prose Style* (1928), Herbert Read definiu a sua ideia de narrativa e o papel que esta desempenha no apoio à consciência imaginativa e criativa do leitor:

A narrativa é de dois tipos, sendo descritiva quer de eventos quer de objetos; ou é ativa ou passiva. O objetivo da narrativa é transmitir ao leitor um relato visual exato do objecto ou ação representada. O que é visto deve ser traduzido em símbolos pelo escritor, e estes símbolos devem, por sua vez, transmitir ao leitor a impressão das coisas vistas. O escritor deve transmitir a velocidade dos acontecimentos, e a atualidade dos objetos e ambos são melhor assegurados pela economia de expressão. (Read 1928, 104)

Herbert Read concebe a narrativa como uma tarefa centrada no leitor, orientada para o leitor. Na sua opinião, qualquer autor, poeta ou crítico, escreve com um propósito social, não pessoal, com uma espécie de abordagem científica, argumentativa da escrita que é confirmada pelo estilo:

A narrativa é dirigida principalmente a um público: não é uma auto-revelação ou auto-expressão. É um relato exato. Por conseguinte, é desprovida de comentários, e o único ponto de vista que representa é o ponto de vista de um observador interessado. Estas qualidades de objetividade, concretude e impessoalidade são uma posse natural dos nossos primeiros escritores. (Read 1928, 106)

O próprio ato de moldar um ensaio fazia parte da sua interpretação do significado da arte. Com a elegância da sua prosa, ganhou também autoridade e justificou com racionalidade o seu anarquismo como um modo de vida alternativo. Na sua opinião, o anarquismo apoiaria o desenvolvimento positivo do eu, e promoveria um uso intencional da arte: esta era uma questão de lógica que podia ser infundida em todos os seus escritos. A sua poesia é também paradigmática, pois mostra o seu desejo de racionalidade e as suas aspirações e fragilidades como homem.

Em 1939, o ano que marcou o fim da guerra na Espanha com uma tentativa de realizar uma sociedade socialista, a Hogarth Press publicou os Poemas Antológicos para Espanha, sobre a Guerra Civil. Os editores foram Spender e Lehmann. O livro recolheu poemas de W.H. Auden, Louis MacNeice, Pablo Neruda, Cecil Day-Lewis, e escritores que se tinham voluntariado nas Brigadas Internacionais para apoiar o governo republicano espanhol. O livro destinava-se a destacar o papel crucial dos poetas na luta internacional pela liberdade socialista e expressava o desejo de toda uma geração por um novo gênero de narrativa e mitologia popular. Herbert Read deu a sua contribuição ao publicar Uma Canção para os Anarquistas Espanhóis:

<p>The golden lemon is not made but grows on a green tree: A strong man and his crystal eyes is a man born free. The oxen pass under the yoke and the blind are led at will: But a man born free has a path of his own and a house on the hill And men are men who till the land and women are women who weave: Fifty men own the lemon grove and no man is a slave.</p>	<p>O limão dourado não é feito mas cresce sobre uma árvore verde:Um homem forte e os seus olhos de cristalé um homem que nasceu livre.Os bois passam debaixo do jugoe os cegos são conduzidos à vontade: Mas um homem nascido livre tem um caminho próprio e uma casa na colina E os homens são homens que cultivam a terra e mulheres são mulheres que tecem: Cinquenta homens são donos do bosque de limoeiros e nenhum homem é um escravo.</p>
--	---

A um nível básico, o poema encapsula a capacidade de Read de misturar tradição e modernidade, o ruralismo idealizado, onde a terra nutre indivíduos auto-suficientes, e a força da Natureza como fonte de empoderamento para a humanidade (o limão, aqui, um símbolo da Eternidade). A essência do anarquismo de Read olha para o passado e, ao mesmo tempo, apresenta-se como o sistema de governança mais progressista e digno de confiança para os seres humanos. A sua voz clara, construída sobre paralelos, realça a lógica da escolha da liberdade. O trabalho é positivo quando permite que um homem também seja: nenhum homem é escravo.

Como mencionado acima, Herbert Read era um homem de contradição: como crítico de arte, introduziu o surrealismo, o existencialismo e a psicanálise junguiana na Grã-Bretanha, mas também queria ser poeta, e de fato foi nomeado cavaleiro por isso, embora a sua aceitação do título tenha prejudicado a sua reputação como anarquista. Na verdade, foi discípulo de Shelley, Ruskin e Wordsworth, e admirava Coleridge. Acreditava no poder dos sentimentos e sensações - algo que justificava os temas da maior parte da sua poesia. Contudo, era também um escritor de poesia experimental, que se relacionava com a abrangência das suas posições políticas e gosto pela literatura, e com as visões conflituosas da vida.⁴

⁴ Em 1959, publicou os chamados 'Vocal Avowals' na revista literária *The Encounter*, que se destinavam a realçar a artificialidade da linguagem poética, da arbitrariedade das palavras como símbolos. Nas suas linhas, as palavras foram retiradas do objecto que deveriam representar, e adquiriram significado apenas pela associação livre imaginativa criada pela onomatopeia, aliteraões, e rimas internas. As suas experiências trazem a conhecida forma livre modernista ao que serão os versos compostos disruptivos vanguardistas dos anos 60 e 70 e apontam para a sua fusão de tradição e modernidade (Ferris 2015). <http://standpointmag.co.uk/critique-december-14-father-son-herbert-read-piers-paul-read-art> acedido pela última vez em 27/12/2018.

Num artigo publicado na Standpoint Magazine, o filho de Read, Piers Paul Read, descreve-o como "gentil, bondoso, silencioso, remoto", um homem que viveu a Primeira Guerra Mundial como uma aventura, mas que se transformou num pacifista.⁵ Um homem que viu como as distinções sociais se revelaram irrelevantes em comparação com as qualidades de carácter que emergiram sob fogo, e que, por isso, compreendeu a verdadeira natureza dos homens sem constrangimentos pelas estritas limitações sociais da sociedade britânica - um homem que desenvolveu uma visão cética das instituições a serem combinadas com a vida burguesa.

Herbert Read nasceu na zona rural de Yorkshire em 1893. O seu pai era agricultor, mas morreu aos trinta e quatro anos. Como órfão, foi enviado para uma instituição de caridade, a Crossley and Porter School, perto de Halifax. Aos 15 anos de idade, foi contratado como escriturário júnior num banco em Leeds, onde viveu com a sua mãe. Depois do trabalho, foi para a escola noturna e em 1912 matriculou-se como estudante na Universidade. A vida intelectual em Leeds era vigorosa em torno de instituições como o The Leeds Arts Club, que celebrava o seu envolvimento artístico com a reforma cívica, sendo um receptáculo único de sensibilidades radicais, ideias anti-burguesas ao lado da política socialista e feminista do Partido Trabalhista primitivo e do movimento Suffragette - bem longe da cena londrina (Steel 2007, 112-122).

Foi lá que Herbert Read encontrou pela primeira vez O Capital de Marx, Campos, Fábricas e Oficinas de Kropotkin e obras de Bakunin. Cresceu num lugar que realçava o contraste entre o mundo rural e o cenário urbano dos bairros de cortiços industriais, e ao mesmo tempo, viveu dentro dos topos da Grã-

⁵ <http://standpointmag.co.uk/critique-december-14-father-son-herbert-read-piers-paul-read-art> last accessed on 27/12/2018.

Bretanha pastoril, a sua região selvagem. Herbert Read via a paisagem britânica como infundida de um sentido emocional da Natureza que tinha evoluído do Pitoresco do século XVIII para a estética do Sublime e, conseqüentemente, para o Romantismo (Pryor 2010). No mesmo ambiente, porém, enfrentou também o rescaldo da Primeira Guerra Mundial e a sua crise econômica, o desemprego, a vida áspera nas casas de Leeds que afetavam profundamente a coesão social e a identidade das comunidades da classe trabalhadora. (Goodwin 1998, 271-287). Assim, o paradoxo da visão da arte e do anarquismo de Read está enraizado nos valores mais tradicionais do Britanismo, ao mesmo tempo que desenvolve uma visão acomodatória e aberta da modernidade e do pensamento progressista.

O anarquismo . . . baseia-se em analogias derivadas da simplicidade e harmonia das leis físicas universais, e não em qualquer pressuposto da bondade natural da natureza humana - e é precisamente aqui que começa a divergir fundamentalmente do socialismo democrático, que remonta a Rousseau, o verdadeiro fundador do socialismo de estado. . . A tendência do socialismo moderno é de estabelecer um vasto sistema de direito estatutário contra o qual já não existe um apelo de equidade. O objetivo do anarquismo, por outro lado, é estender o princípio da equidade até que este se sobreponha totalmente ao direito estatutário. (Read 1940, 14)

Desde o século XVII, a palavra anarquista tinha sido associada a desordem moral, ausência ou não-reconhecimento de autoridade e ordem em qualquer esfera da vida. No início do século XX, o anarquismo, o sindicalismo, o socialismo, o comunismo, eram frequentemente vistos como os culpados da agitação social que se desenvolveu nas duas Guerras Mundiais. O anarquismo era acompanhado de revolução, revolta contra qualquer instituição e até mesmo terror (Goodway 2011). No

entanto, nenhuma das conotações acima se aplica à abordagem de Read, nem os seus contemporâneos o culpariam por qualquer visão radical. O seu carácter, a sua posição como crítico de arte, o desenvolvimento de um pensamento estético original distanciou Herbert Read de qualquer ideia subversiva na política.

Desde 1922 ocupou um lugar no Departamento de Cerâmica do Museu Victoria and Albert, que lhe proporcionou a formação e o enquadramento para a escrita de *Arte e Indústria* (1934) e a sua defesa dos artistas abstratos. A sua apreciação da arte abstrata evoluiu para um gosto por formas puras que pudessem apoiar a sensibilidade estética e, mais geralmente, o bem-estar da comunidade a que o artista pertencia. A partir desta sugestão, Herbert Read formulou a sua tese de abstração como sendo adequada ao domínio da indústria e do design, como algo que poderia influenciar positivamente a vida das pessoas.

Os produtos industriais poderiam ser formas de arte abstrata. A indústria não devia ser rejeitada, mas sim acolhida como um meio de dar um propósito à arte, mesmo que a arte fosse considerada como separada e única, como a expressão mais pura dos seres humanos. Em defesa de uma relativa autonomia estética, Herbert Read recusou qualquer ligação necessária entre a função prática e a qualidade artística, mas acreditava no desenvolvimento futuro de uma nova sensibilidade estética que se seguia à apreciação da forma abstrata. Este desenvolvimento poderia ser apoiado pela educação:

O problema da arte boa ou má, de um sistema de educação certo e errado, de uma estrutura social justa e injusta, é um só problema . . . é um problema que depende de uma mudança de opinião; e agora, depois de duas guerras

mundiais, e sob uma nuvem cada vez mais escura de adversidade e erro, estamos talvez um pouco mais perto daquela revolução necessária. (Read 1934, 170)

A educação parecia ser a solução certa para desenvolver um sentido do gosto que pudesse ser eficaz em termos sociais, uma espécie de gosto aplicado que trouxe a arte à vida e foi alimentada por uma compreensão próxima do ser humano e da natureza - Natureza, sendo uma fonte de inspiração para a realização do equilíbrio social e do bem-estar (Adams 2013).

Em Filosofia do Anarquismo, Read descreveu a Natureza como sendo uma forma de equidade enraizada na arte:

A lei mais geral na natureza é a equidade, o princípio da equilíbrio e simetria, que orienta o crescimento das formas de acordo com as linhas da maior eficiência estrutural. É a lei que dá à folha, bem como à árvore, ao corpo humano e ao próprio universo, uma forma harmoniosa e funcional, que é ao mesmo tempo uma beleza objetiva . . . o princípio da equidade veio à luz na jurisprudência romana . . . a natureza implicou ordem simétrica, primeiro no mundo físico, e depois na moral, e a noção mais antiga de ordem envolveu sem dúvida linhas retas, mesmo superfícies, e distâncias medidas . (Read 1940, 13)

As leis que regulam o universo físico apoiam a sua ideia de princípios morais, e de ordem. A natureza pode ser explicada e justificada através da utilização de números e geometria. Portanto, é semelhante à abstração.⁶ O seu equilíbrio auto-

⁶ Depois de 1934 e desta primeira declaração sobre o papel da arte nos tempos modernos, começou a prestar grande atenção aos quadros políticos e económicos da arte e do design, passando de uma discussão sobre a arte em termos puramente estéticos para um envolvimento político mais explícito. O desenvolvimento de Read estava em consonância com a rápida politização da vida no rescaldo da Guerra Civil espanhola e o início da

regulador, ou seja, a essência do anarquismo, deve ser visto no ser humano e pode ser deixado livre como uma força que governa qualquer comunidade. Nesta perspectiva, o anarquismo só poderia ser proposto como encorajador da existência através da aceitação e compreensão da responsabilidade.

No ABC da Economia (1933) Ezra Pound descreve a responsabilidade da seguinte forma:

6. Afirmo um dogma simples: O homem deve ter algum senso de responsabilidade para com as coletividades humanas.

7. Como uma questão de observação, muito poucos homens têm tal senso.

8. Nenhuma ordem social pode existir por muito tempo, a menos que, pelo menos, alguns poucos homens tenham esse senso...

(Pound 1933, 16-17).

Na visão de Pound sobre a democracia, o homem deve assumir a responsabilidade de escolher os seus representantes, desenvolver a consciência do dever social, de pertencer a um grupo social. Aceitar a democracia significa assumir a responsabilidade pela manutenção dos seus direitos contra os possíveis comportamentos incorretos de um governo que atua em nome de si próprio em assuntos públicos.

Esta ideia de 'pertencimento' é bem descrita pelas próprias palavras cidadão e cidadania, pois o seu significado e etimologia apontam para a ideia de viver numa condição estável, para a segurança de um único lugar, para o estatuto

narrativa da guerra que criou um imaginário meta-literário em torno do evento e de toda uma geração.

de pertencimento a um grupo social.⁷ A ideia de ser um indivíduo livre e responsável está também no centro do anarquismo de Read, pois a responsabilidade é um ato de vontade fundamental que estabelece a ordem social. O indivíduo é suficientemente responsável para delegar poder e estar constantemente contra o abuso de poder, a traição da sua confiança. O indivíduo mapeia o seu espaço vital e vigilante contra qualquer possível ameaça, como forma de exercer a responsabilidade.

Outro aspecto envolvido no conceito de responsabilidade é a escolha, e o direito de escolher em benefício de um e a vantagem de muitos. A democracia defende o poder da maioria e a aceitação de um poder delegado e mediado. Elegemos representantes que fazem escolhas em nome dos cidadãos, com base num programa político partilhado. No entanto, na opinião de Read, a palavra democracia é equívoca, uma vez que ele previu a confusão entre economia e democracia, ou seja, entre função e valor:

Democracia é uma palavra muito ambígua e os seus significados variam desde uma simpatia sentimental pelos pobres e oprimidos como a que temos no Socialismo Cristão, até um dogma implacável de ditadura proletária como o que vimos estabelecer na Rússia... é uma distinção importante, e se em nome da democracia somos cada vez mais inevitavelmente obrigados a comprometer-nos com a máquina política do Estado - a nacionalização da indústria, o

⁷ A palavra entrou em inglês no século XIV citesein (fem. citesein) "habitante de uma cidade ou vila", (do anglo-francesa citesein, citzein city-dweller, town-dweller, citizen, i.e. (Old French citeien, 12c._Modern French citizen), e desenvolveu o sentido de 'homem livre, habitante de um país, membro do estado ou nação, não um estrangeiro' no final do Séc 14. O significado de pessoa privada (em oposição a um oficial civil ou soldado) é de c.1600 indicando também "estatuto, direitos, privilégios e responsabilidades de um cidadão (1610s)".

controle burocrático de todas as esferas da vida e a doutrina da infalibilidade do Povo (divinamente investido num Partido único) - então é tempo de renunciar ao rótulo democrático e procurar um nome menos ambíguo. (Read 1943, 3)

Herbert Read levou ao extremo ao afirmar que tanto o comunismo como o fascismo eram formas de democracia, e ao afirmar que o socialismo democrático na Grã-Bretanha era injusto porque:

Todos eles obtêm o consentimento popular através da manipulação da psicologia de massas. Democracias parlamentares como a Grã-Bretanha escondem atrás da forma (eleição, Parlamento, a Lei) o fato de que o poder e a responsabilidade são prerrogativa de nascimento e riqueza e o poder real está nas mãos daqueles que controlam o sistema financeiro. O capitalismo não é democrático, mas ao manipular as massas, finge sê-lo quando é totalitário. (Read 1943, 4)

Para Read, o simples fato sobre a democracia era que ela é 'fisicamente' impossível. As pessoas vivem numa agregação de milhões de indivíduos chamados Estados ou Nações, mas a expansão do papel dos governos na economia, a tecnologia ao serviço de uma produção em massa de bens, o desenvolvimento de uma classe empresarial⁸, promovem uma inevitável fusão de Estado e economia sem qualquer benefício para o povo (Read 1943, 30-32).

O governo pode ser do povo, para o povo, mas nunca, por um momento, um governo pelo povo. Seja qual for o governo estabelecido, deve respeitar os direitos da pessoa, o direito de ser uma pessoa, uma entidade única. A única forma pela qual a

⁸ Read refere-se à Revolução Gerencial de James Burnham (1941) que discutiu o futuro do capitalismo (Frances 1984).

democracia tem sido capaz de avaliar a igualdade é através do dinheiro, mas os seres humanos associam-se em grupos que não se baseiam apenas na riqueza. A família, tanto como os grupos baseados na cultura, religião, ideologia e língua, ou baseados num âmbito idealista temporário, são todas associações que podem funcionar para além do interesse económico.

Existe algo mais forte para ligar indivíduos para além das suas necessidades materiais, tais como solidariedade, camaradagem, e experiência de guerra. Pequenos grupos de pessoas são motivados e eficientes na colaboração, uma vez que os humanos trabalham juntos espontaneamente se perceberem que o seu talento serve o grupo e que servir o grupo traz vantagens para o próprio indivíduo. Em outras palavras, se o indivíduo lucra ao trabalhar para e dentro do grupo, será motivado e recompensado, e disposto a colaborar e partilhar. Uma tal organização natural da sociedade deixa pouca atividade ao Estado enquanto tal. O Estado permanece apenas como árbitro para decidir no interesse do todo, e agir quando surgem conflitos significativos entre as partes.

Herbert Read sintetiza os fundamentos da sua visão anarquista da sociedade em oito pontos que são:

- A liberdade da pessoa;
- A integridade da família;
- A recompensa das qualificações;
- O autogoverno dos grupos de interesse;
- A abolição do parlamento, e do governo centralizado;
- A instituição da arbitrariedade;⁹

⁹ A OED define-a como "3. A decisão de um litígio por uma autoridade à qual as partes em conflito concordam em remeter as suas reivindicações, a fim de efetuar uma resolução equitativa" e "4. A sentença pronunciada por

- A delegação de autoridade
- A humanização da indústria

Esta visão da ordem social é também internacional e conciliadora, visando a produção de abundância mundial, a humanização do trabalho e a erradicação de todos os conflitos financeiros e econômicos. Estende-se para além do sentido individual de nação e diz respeito à capacidade de todos os seres humanos. Afinal de contas,

Paz é anarquia. Governo é força; força é repressão, repressão conduz à reação, ou a uma psicose de poder que por sua vez envolve o indivíduo na destruição e as nações na guerra. A guerra existirá enquanto o Estado existir. Só uma sociedade anarquista pode oferecer estas condições econômicas, éticas e psicológicas, sob as quais é possível a emergência de uma mentalidade pacífica. Lutamos porque estamos demasiado ligados, porque vivemos numa condição de escravidão econômica e de restrição moral. Só quando estes laços forem desatados é que o desejo de criar finalmente triunfará sobre o desejo de destruir. Temos de estar em paz conosco mesmos antes de podermos estar em paz uns com os outros. (Read 1949, 121)

A dor da guerra, a injustiça dos Estados e da sua organização econômica, levaram-no a desejar uma ideia nostálgica de auto-suficiência. Para Read, a arte foi o berço da liberdade política e, ao mesmo tempo, uma fonte de conforto privado. Através da apreciação estética da forma, ele fez de uma virtude política uma virtude estética. A arte estava cheia de possibilidades, e tal como a democracia, a arte moderna e abstrata que apoiava,

um árbitro, ou por alguém que decide com autoridade; decisão; sentença aceite como autoritária". Read utiliza a palavra para indicar a necessidade de um juiz ou árbitro de litígios.

tinha de ser polifônica e aberta às pessoas (Goodwin 1998, 287-308).

O anarquismo faz com que o indivíduo se antecipe para levar a democracia ao seu limite extremo, o limite para além do qual ela não pode existir, ou parece desnecessário uma vez que os humanos são mônadas independentes, unidades dinâmicas únicas, e mundos auto-concluídos. Herbert Read morreu em 1968 com um sentimento amargo sobre o futuro da arte, e ele certamente não podia prever o que a economia de mercado e os meios de comunicação social trariam à sociedade. Ele ainda acreditava que as muitas vozes que representam a arte e a sociedade devem existir de acordo com um sistema ordenado. A Monarquia Constitucional do seu tempo, e as outras formas mais experimentais de poder que observou, do socialismo ao marxismo, do nazi-socialismo ao fascismo, não admitiriam a liberdade individual. Por esta razão, Herbert Read permaneceu um crente romântico no poder da estética, fascinado pelas infinitas potencialidades da vida artística contemporânea. Ele olhou para a arte como uma força natural que re-desenhou o Humano na sua essência criativa. Nas suas palavras:

A alegria de criar coisas de valor, autoconquista (libertando o eu do egoísmo e do seu instinto), elevando-se acima do mundo, e finalmente a criação espontânea de novas formas, novas normas, novas ideias na mente do indivíduo - tudo isto é o resultado possível da liberdade positiva do homem . . do ponto de vista anarquista, não é suficiente controlarmo-nos a nós próprios e à natureza externa; devemos permitir desenvolvimentos espontâneos. Tais oportunidades ocorrem apenas numa sociedade aberta; não podem desenvolver-se numa sociedade fechada como a Marxista estabelecida na Rússia . . . o que se entende por liberdade é a liberdade política, as relações do homem com o seu ambiente econômico; a liberdade é a relação do homem com o processo de vida total . . o anarquismo é a única teoria

política que combina uma atitude inerentemente revolucionária e condicionada com uma filosofia de liberdade. É a única doutrina libertária militante que resta no mundo, e da sua difusão depende a evolução progressiva da consciência humana e da própria humanidade. (Read 1949, 22-23)

A liberdade individual é relevante para a humanidade tal como é criativa; é a liberdade de fazer - é uma arte - é militante tal como é performativa. Permite ao ser humano desenvolver-se e progredir. Na visão de Read, o que agora percebemos como liberdade democrática é um avanço da humanidade que nasce do povo: artesãos, livres, independentes, cidadãos auto-suficientes, artistas na natureza no seu melhor. Contudo,

O artista moderno no seu abandono, no seu isolamento dos erros econômicos do nosso tempo, é, ao manter a sua atitude de independência ressentida, um sobrevivente trágico de um modo de vida orgânico. É o único sobrevivente ativo do naufrágio da tradição humanista; é, do mesmo modo, o pioneiro de uma nova tradição humanista. (Read 1946, 228)

A moderna obsessão ocidental com a nação, o seu território e as suas instituições é uma componente vital da ideia do Patrimônio como fundamento do Estado moderno, seja ele liberal, conservador, ou socialista. Mesmo no comunismo, a ideia de unir a nação à terra foi utilizada para impor a coesão. A arte serviu juntamente com o mundo literário para criar identidades individuais e coletivas como parte do patrimônio nacional. A ciência também apoiou o processo (Giddens 1991; Mitchell 2000, 1-34). Na criação de novas identidades nacionais que caracterizaram o rescaldo das Guerras, a democracia estimulou uma compreensão diferente de épocas, períodos e gerações sucessivas. Por outro lado, esta atitude apoiou o pessimismo e uma visão distópica da vida, algo que

tanto a arte como a literatura têm explorado em obras modernistas e pós-modernistas (Bauman 1988; Hetherington 1997; Lundström 2018).

A força do compromisso de Herbert Read com a modernidade reside neste paradoxo de inserir fragmentos do Patrimônio (*tradicional) no estilo moderno, cumprindo assim tanto uma ideia conservadora como uma ideia de gosto inteiramente libertária que se ajusta ao indivíduo. Outro aspecto notável do seu trabalho é a confiança no ser humano em oposição a uma visão desiludida da História, uma visão que procura redimir o lado obscuro da cultura moderna, compreendendo a arte e a criatividade como a essência do ser humano. Na visão de Read, a melhoria das condições materiais, a prosperidade econômica e a emancipação política desenvolveram-se a partir da capacidade do indivíduo de existir. A alienação só pode ser combatida pelo prazer estético e pela excitação criativa da novidade. Finalmente, o seu estilo lúcido lembra-nos que a ausência de restrições morais não se deteriora em egoísmo e indulgência quando a arte e a educação são auto-afirmações disciplinadas contra um mundo absurdo.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Matthew, 'Herbert Read and the fluid Memory of the First World War: Poetry, Prose and polemic', *Historical Research* (2015): 333–354.

AGAMBEN, Giorgio, 'Poiesis and Praxis', *The Man Without Content*, Stanford: Stanford UP, 1999, 68–93.

ALEXANDER, Victoria *et al.*, eds. *Art and the Challenge of Markets Volume 2: From Commodification of Art to Artistic Critiques of Capitalism*, New York: Springer, 2018.

ANTLIFF, Allan, 'Anarchism and Aesthetics', *Brill's Companion to Anarchism and Philosophy*, ed. Nathan JUN Leiden: Brill, 2018, 39–50.

BELL, David, 'The Politics of Participatory Art', *Political Studies Review* 15.1 (Feb. 2017): 73–83.

BAUMAN, Zygmunt, *Liquid Modernity*, Cambridge: Polity P, 1988.

BENJAMIN, Walter, 'The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction', *Illuminations*, ed. Hannah ARENDT, London: Random House, 1999, 211–244.

CASTRONOVO, Russ, *Beautiful Democracy: Aesthetics and Anarchy in a Global Era*, Chicago: U Chicago P, 2009.

DOCHERTY, Thomas, *Aesthetic Democracy*, Stanford: Stanford UP, 2006.

EVANS, Fred, *Public Art and the Fragility of Democracy: An Essay in Political Aesthetics*, New York: Columbia UP, 2018.

FERRIS, Natalie "'Vocal Illyrian avowals": Herbert Read and Abstract poetry', *Word & Image*, 31.3 (2015): 362–373.

FRANCIS, Samuel, *Power and History, The Political Thought of James Burnham*, Lanham: UP of America, 1984.

FRANKS, Benjamin, and Ruth KINNA, 'Contemporary British Anarchism', *Revue LISA/LISA e-journal* 12.8 (2014), last accessed at <http://journals.openedition.org/lisa/7128> on 11 June 2019.

GIDDENS, Anthony, *The Consequences of Modernity*, Cambridge: Polity P, 2013.

GOODWAY, David, *Anarchist Seeds beneath the Snow: left-libertarian Thought and British Writers from William Morris to Colin Ward*, Liverpool: PMP, 2011.

GOODWAY, David, ed. *Herbert Read Reassessed*, Liverpool: Liverpool UP, 1998.

JONES, Amelia, *Seeing Differently: A History and Theory of Identification and the Visual Arts*, London: Routledge, 2013.

HETHERINGTON, Kevin, *The Badlands of Modernity*, London: Routledge, 1997.

KILLICK, John, *The United States and European Reconstruction 1945-1960*, London: Routledge, 2014.

LITERAT, Ioana, 'Make, Share, Review, Remix: Unpacking the Impact of the Internet on Contemporary Creativity', *Convergence. The International Journal of Research into New Media Technologies* (January 2018), last accessed at <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1354856517751391> on 10 June 2019.
DOI : [10.1177/1354856517751391](https://doi.org/10.1177/1354856517751391)

LUNDSTRÖM, Markus, *Anarchist Critique of Radical Democracy: The Impossible Argument*, New York, Springer, 2018.

MATTERN, Mark, *Anarchism and Art: Democracy in the Cracks and on the Margins*, New York: SUNY, 2016.

MATTERN, Mark, 'Anarchism and Art', *The Palgrave Handbook of Anarchism*, eds. Carl LEVY and Matthew ADAMS, London: Palgrave Macmillan, 2019, 589–602.

MEECHAM, Pam, and Julie SHELDON, *Modern Art: A Critical Introduction*, London: Routledge, 2013.

MITCHELL, Timothy, ed. *Questions of Modernity*, Vol. 11, Minneapolis, Chicago: U Minnesota P, 2000.

MÖLLER, Frank, 'Politics and Art', *Oxford Handbooks Online* 19 Apr. 2019, last accessed at <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935307.001.0001/oxfordhb-9780199935307-e-13> on 10 June 2019.

PICKETT, Brent, *On the Use and Abuse of Foucault for Politics*, Lenham: Lexington Books, 2005.

POTTER, Rachel, *Modernism and Democracy: Literary Culture 1900-1930*, Oxford: OUP, 2006.

PRYOR, Francis, *The Making of the British Landscape: How We Have Transformed the Land, from Prehistory to Today*, London: Penguin, 2010.

READ, Herbert, *English Prose Style*, London: Bell, 1928.

READ, Herbert, *Art and Industry*; Faber, 1934.

READ, Herbert, *Poetry and Anarchism*, London: Ayer Company, 1938.

READ, Herbert, *The Philosophy of Anarchism*, London: Freedom Press, 1940.

READ, Herbert, *The Politics of the Unpolitical*, London: Routledge, 1943.

READ, Herbert, *Chains of Freedom*, London: Freedom Press, 1946.

READ, Herbert, *Anarchy and Order*, London: Souvenir Press, 1949.

RUTTEN Kris, 'Participation, Art and Digital Culture', *Critical Arts* 32:3 (2018): 1–8.

SANDLER, Irving, *Art of the Postmodern Era: from the Late 1960s to the Early 1990s*, London: Routledge, 2018.

SHINER, Larry, *The Invention of Art: A Cultural History*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

STEEL, Tom, 'Circles of Modernism: Herbert Read, Arnold Hauser and the Emergence of Art History in Leeds', *Re-Reading Read: Critical Views on Herbert Read*, ed. Michael PARASKOS, London: Freedom Press, 2007, 112–122.

SCHWARTZ, David, *Art, Education, and the Democratic Commitment: A Defense of State Support for the Arts*, vol. 7, New York: Springer, 2013.

SCHWEICKART, David, *Against Capitalism*, London: Routledge, 2018.

THISTLEWOOD, David, *Herbert Read: Formlessness and Form*, Boston: Routledge, 1984.

VAN DEN AKKER, Chiel, 'Benjamin, the Image and the End of History', *Journal of Aesthetics and Phenomenology* 3.1 (2016): 43–54.

VAN DIJK, Jan, and Kenneth HACKER, *Internet and Democracy in the Network Society*, New York: Routledge, 2018.

WOODCOCK, George, *Herbert Read: The Stream and the Source*, London: Faber, 1972.

**Esta publicação foi editada
por**



<https://www.facebook.com/bibliotecaemma>

Novembro de 2020